

Resumo: O presente artigo aborda o paradigma pós-custodial na Arquivística, apresentando algumas mudanças epistemológicas no campo científico da área decorrentes da alteração paradigmática. Inicialmente, aborda os paradigmas que circundam a Arquivística, o custodial e o pós-custodial e suas características. Em seguida, traz as abordagens que tangenciam o paradigma pós-custodial, suas posições epistemológicas quanto ao objeto científico. Por fim, discorre sobre a relação interdisciplinar da Arquivística com a Ciência da Informação.

Palavras-chave: Arquivística; Paradigma pós-custodial; Epistemologia

Abstract: This paper discusses the post-custodial paradigm in Archivistics, present some epistemological changes in the scientific field of the area resulting from the paradigm shift. Afterwards, describes the paradigms that surround Archivistics, the custodial and post-custodial and their characteristics. Then brings the approaches related to post-custodial paradigm, its epistemological positions about the scientific object. Finally, it discusses the interdisciplinary relationship of Archivistics with the Information Science.

Keywords: Archivistics; Post-custodial paradigm; Epistemology

1. Introdução

No século XX observam-se profundas mudanças em âmbito global. O desenvolvimento da tecnologia, sobretudo da telecomunicação e computação, criou um novo cenário social, político e econômico, principalmente, a partir do surgimento do computador e sua popularização, bem como da criação da Internet e sua expansão global. Esta sociedade da informação, ainda hoje em expansão, provoca um processo de ressignificação da compreensão de mundo e novas perspectivas em diversos campos do conhecimento.

Disso resultam, no campo científico da Arquivística, mudanças na teoria e prática nos arquivos. Por conseguinte, surgem discussões e reflexões quanto ao seu objeto de estudo, princípios, teorias, relações interdisciplinares, inclusive quando ao seu *status* científico. Assim, diferentes posicionamentos aparecem incorporando o chamado paradigma pós-custodial, trazendo para a Arquivística mudanças epistemológicas, frente ao novo cenário de atuação.

O paradigma pós-custodial, emergente no final do século XX, possui uma perspectiva que coloca a Arquivística no campo da Ciência da Informação, pois entende que o objeto científico da mesma não pode mais ser o documento de arquivo, mas sim a informação. Por esse motivo, esse paradigma contrapõe-se ao paradigma custodial voltado para valorização do documento de arquivo de valor permanente.

Assim, entre os desdobramentos no campo científico da Arquivística situam-se divergências epistemológicas, que refletem sobre o conhecimento já produzido na área, bem como a sua aplicabilidade no cenário atual. Isso é, sem dúvida, um indicativo do desenvolvimento científico da área, uma vez que o mesmo ocorre com o questionamento da construção do conhecimento.

Neste sentido, o presente artigo apresenta, mesmo que de forma breve, análise dos aspectos epistemológicos que envolvem a Arquivística, a partir dos seus paradigmas. Inicialmente, apresenta-se o paradigma custodial e o paradigma pós-custodial na área. Em seguida abordam-se as divergências quanto ao seu *status* científico e objeto de estudo, finalizado com diferentes posições epistemológicas sobre a relação da Arquivística com a Ciência da Informação.

2. O Paradigma Custodial x Paradigma Pós-custodial na Arquivística

Kuhn (1998) em sua obra *A Estrutura das revoluções científicas* traz a definição de paradigma, amplamente utilizada por comunidades científicas de diversos campos do conhecimento. Para Kuhn (1998:13) paradigmas são “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.

Um paradigma “Indica toda a constelação de crenças, valores, técnicas, etc. [...], partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada” (KUHN, 1998:218). Em outras palavras “um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (KUHN, 1998:219).

Segundo Kuhn (1998) um novo paradigma surge quando o paradigma dominante passa por uma crise, seus fundamentos e métodos começam a ser questionados pela comunidade científica e, por conseguinte, ocorre o desenvolvimento científico, por meio de uma revolução que indica a mudança de paradigma. A partir dessas considerações são apresentados os paradigmas da Arquivística.

A prática empírica nos arquivos é de origem milenar, quando esses surgiram necessitando serem organizados. Mais precisamente, ao princípio não temos “arquivos” no sentido moderno que surgirá após a Revolução Francesa e no quadro do Estado-Nação, enquanto serviços institucionalizados e especializados para a função de custódia de documentos e com a possibilidade de consulta pública, mas agregados de documentos de diversos tipos em uso normal e cotidiano de quem os produzia/reunia num espaço mais ou menos adequado. Assim, compreende-se que a Arquivística é objetivamente recente, deriva da institucionalização e da necessidade de profissionalização do pessoal alocado a esses serviços e quando surge aglutinando a formação ministrada a essa “massa funcional” assume um viés claramente positivista.

Para Araújo (2014) o modelo positivista influenciou o campo disciplinar da Arquivologia, uma perspectiva patrimonialista em que o arquivo era uma instituição voltada para a custódia de acervos, limitando-se ao desenvolvimento de técnicas para o tratamento desses (preservação, descrição, arranjo e gerenciamento da instituição) sem uma reflexão

sobre sua função social (ARAÚJO, 2014:14-15). Note-se que trata-se, aqui, do paradigma custodial também denominado patrimonialista e tecnicista que, durante muito tempo, norteou as práticas nos arquivos.

Como consequência do movimento positivista a Arquivística obteve a sua desvinculação de outras áreas tais como: História, Literatura, Artes, Bibliotecnomia e Museologia, ocorrendo também a sua formalização como disciplina, a partir da publicação, em 1898, do *Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos*, ou “Manual dos Arquivistas Holandeses”, de S. Muller, J. A. Feith e R. Fruin (ARAÚJO, 2014:14). No entanto, o que se observa é um impulso para uma afirmação de cientificidade e uma certa (mais aparente que real) desvinculação das áreas mencionadas.

O referido manual, conforme afirmam alguns autores da área (ARAÚJO, 2014; SILVA *et al.*, 1999; FONSECA, 2005; SANTOS, 2011; entre outros) marca o nascimento da Arquivística. Para Santos (2011:17) o manual serve “[...]como referencial inicial da sistematização de uma prática e de uma teoria arquivística, devido à sua ampla aceitação mundial [...]”. Por outro lado, Silva (2006:18-19) afirma que: “[...] não se vê nenhuma novidade epistemológica subjacente a um instrumento normativo e técnico que raia a racionalidade típica do senso comum”.

Destacam-se, ainda, as considerações de Rousseau e Couture (1998:53) “um *corpus* científico constitui-se de diversas maneiras, mas sobretudo através da publicação de manuais de especialidade e da criação de atividade de formação”. Os autores complementam:

A publicação de manuais representa uma etapa na constituição de uma disciplina científica. Estas obras articulam a teoria e práticas em torno de uma abordagem única e permitem a transmissão do estado dos conhecimentos bem como o estabelecimento de uma tradição (ROUSSEAU e COUTURE, 1998:53).

Subsequente a publicação do “Manual dos Arquivistas Holandeses” foram publicados outros manuais, tais como: *Manual of Archive Administration*, publicado em 1922, na Inglaterra, de autoria de Hilary Jenkinson; *Archivistica*, publicado em 1929, na Itália, por Eugenio Casanova, entre outros manuais e demais obras, os quais evidenciaram e orientaram a prática nos arquivos. Entretanto, Santos (2011:31) menciona que “o que se tem observado são obras normalmente focando práticas locais quando analisam os princípios e funções arquivísticas, como se fossem teorias acabadas sem margem de rediscussão e revisão”. Para o autor isso contraria o desenvolvimento do conhecimento científico.

É importante, contudo, mencionar que a promulgação do princípio de proveniência foi anterior a publicação dos manuais. Esse princípio é norteador da prática nos arquivos, pois dirige todas as intervenções de ordenação, de classificação, de descrição, de arrumação e de localização e recuperação, de modo a garantir a constituição do fundo de arquivo, isto é, a unidade central das operações arquivísticas (ROUSSEAU e COUTURE, 1998:79). O princípio determina que os conjuntos documentais (os fundos) de uma proveniência não devem ser misturados aos de outras, portanto os documentos devem ser colocados em seus fundos de origem (ROUSSEAU e COUTURE, 1998:82).

O princípio de proveniência surgiu em função do grande acúmulo de documentos no Arquivo Nacional francês, decorrente da Revolução Francesa, atrelado a organização temática adotada pelo mesmo, a qual ocasionou a separação de conjuntos documentais (TOGNOLI, 2010). Assim, em 1841, na França, foi enunciado o princípio por Natalis de Wailly, embora haja divergências quanto a sua origem, com estudos indicando que esse já era aplicado anteriormente em outros países (SILVA *et al.*, 1999).

Passado pouco mais de um século, nasce nos Estados Unidos a teoria do ciclo de vida dos documentos ou “teoria das três idades”, a qual define as idades dos arquivos de acordo com seus valores, a saber: “valores primários, para a própria entidade onde se originam os documentos, e valores secundários, para outras entidades e utilizadores privados [...]” (SCHELLENBERG, 1974:152-153). Além disso, os norte-americanos introduziram o conceito de *record group* e *records management*: o primeiro é uma adaptação do princípio da proveniência, já o segundo refere-se a gestão de documentos administrativos, buscando economia na gestão documental, por meio da intervenção arquivística na primeira idade dos documentos (SILVA *et al.*, 1999).

Essa teoria também encontra sua origem no cenário de guerra. Para Silva *et al.* (1999), na Arquivística ocorreu uma explosão documental, durante o período entre guerras, em virtude da captura de arquivos dos países dominados e do uso da tecnologia, principalmente o microfilme.

O avanço constante da tecnologia, a partir da II Guerra Mundial, afeta a forma de produção e consumo da informação. Silva (2006:22) afirma que os estudos sobre processamento automatizado e eletrônico da informação, que tiveram início desde 1960, apontam para a transição de paradigma em curso e também provocam reflexões epistemológicas nas profissões que trabalham com a gestão da informação.

Todavia, Silva (2006:18) menciona que “a mudança da perspectiva custodial e patrimonialista (fechada através da conotação como “tesouro”) para uma pós-custodial e aberta, dominada pela busca incessante dos conteúdos (informação)”, mesmo que pouco consistente, encontra sua origem nas ideias de Otlet e La Fontaine, os quais destacam a necessidade de acesso rápido e eficiente a documentação, ocasionando a ruptura na prática profissional com o surgimento de um novo perfil de profissional, o documentalista, mas que somente no século XXI configurou-se como um novo paradigma.

Silva *et al.* (1999:210) expõe o processo histórico da Arquivística em três fases, a saber: fase sincrética e custodial, fase técnica e custodial e a fase científica e pós-custodial. A primeira fase, durante o século XVIII-1898, é marcada pelo surgimento dos arquivos históricos e a Arquivística surge ligada a Paleografia e a Diplomática, exercendo função de disciplina auxiliar da História; neste período surgem o princípio da proveniência e a noção de fundo. Na segunda fase, período de 1898 a 1980, ocorre a especialização profissional do arquivista, momento em que os arquivos administrativos passam a ser gerenciados com o controle e avaliação de documentos, em todo seu ciclo de vida. Por fim, na terceira fase, a partir de 1980, o arquivista é um profissional da informação, os arquivos passam a ser vistos como sistemas de informação, introduzindo, portanto, a Arquivística no campo da Ciência da Informação. (SILVA *et al.*, 1999:210).

Ressalta-se, ainda, Silva (2006) que apresenta uma descrição mais específica do paradigma custodial, bem como as características essenciais do paradigma pós-custodial. No quadro 1, são apresentados esses paradigmas.

Quadro 1 - Paradigma Custodial x Paradigma Pós-custodial

Paradigma Custodial	Paradigma Pós-custodial
<ul style="list-style-type: none"> - Sobrevalorização da custódia ou guarda, conservação e restauro do suporte como função basilar da atividade profissional de arquivistas e bibliotecários; - Identificação do serviço/missão custodial e pública do Arquivo e da Biblioteca com a preservação da cultura “erudita” ou “superior” (as artes, as letras, a ciência) de um Povo em antinomia mais ou menos explícita com a cultura popular, “de massas” e os “produtos de entretenimento”; - Ênfase da memória como fonte legitimadora do Estado-Nação e da cultura como reforço identitário do mesmo Estado, sob égide de ideologias de pendor nacionalista; - Importância crescente do acesso ao “conteúdo” através de instrumentos de pesquisa (guias, inventários, catálogos) dos documentos percebidos como objetos patrimonializados, permanecendo, porém, mais forte o valor patrimonial do documento que o imperativo informacional; - Prevalência da divisão e assunção profissional decorrente da criação e desenvolvimento dos serviços/instituições Arquivo e Biblioteca, indutora de um arremido e instintivo espírito corporativo que fomenta a confusão entre profissão e ciência (persiste a ideia equívoca de que a profissão de arquivista ou de bibliotecário gera, naturalmente, disciplinas científicas autônomas como a Arquivística e a Bibliotecologia). 	<ul style="list-style-type: none"> - Valorização da informação enquanto fenômeno humano e social, sendo a materialização num suporte um epifenômeno (ou derivado informacional); - Constatação do incessante e natural dinamismo informacional oposto ao “imobilismo” documental, traduzindo-se aquele no trinômio criação-seleção natural/acesso-uso e o segundo na antinomia efêmero/permanente; - Propriedade máxima concedida ao acesso à informação por todos mediante condições específicas e totalmente definidas e transparentes, pois só o acesso público justifica e legitima a custódia e a preservação; - Imperativo de indagar, compreender e explicar (conhecer) a informação social, através de modelos teórico-científicos cada vez mais exigentes e eficazes, em vez do universo rudimentar e fechado da prática empírica composta por um conjunto uniforme e acrítico de modos/regras de fazer, de procedimentos só aparentemente “assépticos” ou neutrais de criação, classificação, ordenação e recuperação; - Alteração do atual quadro teórico-funcional da atividade disciplinar e profissional por uma postura diferente sintonizada com o universo dinâmico das Ciências Sociais e empenhada na compreensão do social e do cultural, com óbvias implicações nos modelos formativos dos futuros profissionais da informação; e - Substituição da lógica instrumental, patente nas expressões “gestão de

	documentos” e “gestão da informação”, pela lógica científico-compreensiva da informação na gestão, isto é, a informação social está implicada no processo de gestão de qualquer entidade organizacional e, assim sendo, as práticas informacionais decorrem e articulam-se com as concepções e práticas dos gestores e atores e com a estrutura e cultura organizacionais, devendo o cientista da informação, em vez de estabelecer ou impor regras operativas, compreender o sentido de tais práticas e apresentar dentro de certos modelos teóricos as soluções (retro ou) prospectivas mais adequadas.
--	---

Fonte: SILVA, 2006: 19-22.

O quadro comparativo coloca em evidência as características de paradigmas que, ainda hoje, estão presentes no campo epistemológico da Arquivística. Schmidt (2012:184) comenta que no campo da Arquivologia existem diferentes perspectivas, sendo que algumas movimentam-se em direção do deslocamento da abordagem “tradicional” e “custodial”, preocupada com os documentos históricos e o suporte físico, para uma “pós-moderna” e “pós-custodial”, voltada para a informação e o processo de produção documental.

Com relação, ainda, a esta mudança de paradigma, Santos (2011) faz uma síntese dos paradigmas. No quadro 2, são apresentados os paradigmas em abandono e adoção, segundo o autor mencionado.

Quadro 2 - Paradigmas na Arquivística: revolução em andamento

	Paradigma em abandono	Paradigma em adoção
Denominação	Custodial, clássico, moderno, historicista, empírico-patrimonialista, tecnicista, estático.	Pós-custodial, pós-moderno, dinâmico, informacional, científico.
Visão da Arquivística	Histórico-erudita, voltada aos acervos históricos, ou bibliodocumentária, voltada à gestão de documentos; descritiva.	Integrada ou contínua; interpretativa do contexto funcional.
Objetivo da disciplina	Preservação da memória registrada nos arquivos, para comprovação de direitos e obrigações, e resgate da	Eficiência e eficácia administrativa, pelo uso da informação de alta qualidade como instrumento de apoio à tomada de decisões na

	história.	instituição.
Preservação	Guarda e conservação dos documentos (papel) como fonte de memória legitimadora do Estado.	Custódia e preservação das informações pela necessidade de garantir o acesso público.
Objetivo	Instituições de arquivo, fundos documentais, documentos de arquivo.	Informação arquivística, arquivo como sistema de informação.
Profissional	Conservador e guardador de papéis.	Gestor de informações orgânicas e, ao mesmo tempo, construtor da memória.
Acervo	Documentos em papel, fotografias e, com menor ênfase, filmes e sonoros.	Documentos tradicionais e digitais.
Instrumentos	Inventário, protocolo, uniformização das formas documentais, classificação, avaliação.	Gestão de processos de negócio, classificação e avaliação funcional, vocabulário controlado, normas de descrição; retomada dos métodos da Diplomática.

Fonte: SANTOS, 2011:123

A Arquivística, nos últimos anos do século XX, foi marcada pelo desenvolvimento tecnológico, ocasionando o surgimento de novos suportes informacionais, novos usuários, ocorrendo também a introdução da tecnologia na produção documental, provocando nos arquivistas uma reflexão sobre a prática nos arquivos, trazendo para o campo científico as ideias de “informacional” e “pós-moderno”, a Arquivologia passa a revisar seus conceitos, funções, princípios e teorias, de modo que alguns são ampliados, modificados, refutados e assim surgem novas abordagens buscando resolver os desafios contemporâneos (SCHMIDT, 2012:182-184).

Assim, a partir de 1980, o campo epistemológico da Arquivística é incorporado por novas abordagens, tais como: Arquivística Integrada, Diplomática Arquivística Contemporânea, Arquivística Funcional ou Pós-moderna e o *Records Continuum*, as primeiras de origem canadense e a última de origem australiana (SCHMIDT, 2012).

A Arquivística Integrada preocupa-se com o tratamento dos arquivos em todas as suas idades, considerando o princípio de proveniência; já a Diplomática Arquivística Contemporânea é uma perspectiva da Diplomática clássica, mas que preocupa-se, principalmente, com a produção de documentos eletrônicos, sua integridade, autenticidade e confiabilidade, considerando também o princípio da proveniência (TOGNOLI, 2010).

A Arquivística Funcional ou Pós-moderna “busca por uma identidade própria, baseada no estudo dos documentos de arquivo como fontes históricas que fomentam a criação de uma memória coletiva” (TOGNOLI, 2010:58).

O *Records Continuum* opõe-se a teoria do ciclo de vida dos documentos, pois propõe a gestão dos documentos de forma contínua e entende que os documentos possuem ambos os valores de prova e memória (CRUZ MUNDET, 2011).

A inserção da tecnologia na Arquivística trouxe desafios para o trabalho com documentos eletrônicos, além de provocar uma “mudança de paradigma” (SCHMIDT, 2012:62-63). A Arquivística ampliou sua teoria e prática com novas abordagens, a fim de resolver os problemas contemporâneos. Contudo, enfatiza-se que essas possuem perspectivas epistemológicas divergentes.

3. Arquivística: status científico e objeto de estudo

A arquivística, desde o seu nascimento enquanto disciplina, no século XIX, vem avançando em sua construção teórica, a fim de construir e solidificar critérios que lhe confirmam cientificidade. Para Silva *et al* (1999:236-237) a Arquivística não tem sido vista como uma ciência, pois encontra duas barreiras: sua fundamentação no paradigma custodial e tecnicista, valorizando a materialidade do documento; tem sido influenciada pelo sincretismo de outras disciplinas.

Neste sentido, no quadro 3, são apresentados alguns dos diferentes entendimentos que os autores da área têm sobre o conceito de Arquivística.

Quadro 3 - Conceitos de Arquivística

Ano	Autor	Conceito de Arquivística
1998	Cruz Mundet	Definitivamente, podemos conceituar a Arquivística como uma ciência emergente . É ciência, pois possui um objeto, os arquivos em sua dupla consideração: os fundos documentais e seus ambientes; possui, além disso, um método, composto por um conjunto de princípios teóricos e procedimentos práticos, cuja evolução constante a contornam com maior nitidez dia a dia. E um fim: fazer a recuperação da informação documental para o seu uso (CRUZ MUNDET, 2001:64 [tradução nossa]).
1998	Rousseau e Couture	A Arquivística é uma disciplina em si mesma que, voltamos a repetir, tem suas próprias bases teóricas, as suas próprias intervenções e os seus próprios métodos de trabalho (ROUSSEAU e COUTURE, 1998:72).
1999	Silva <i>et al.</i>	A Arquivística é uma ciência da informação social , que estuda os arquivos (sistemas de informação (semi-fechados), quer na sua estrutura interna e na sua dinâmica própria, quer na interação com outros sistemas correlativos que coexistem no contexto envolvente (SILVA <i>et al.</i> 1999:214).
2005	Bellotto	Pode-se aceitar como ciência e técnica , pois realmente contém elementos para isso; conceituamos como disciplina que se ocupa da teoria, metodologia e da prática relativa aos arquivos,

		sua natureza, seus documentos/informações e suas funções (BELLOTTO, 2005:5).
2011	Santos	Arquivística é o campo científico cuja doutrina (princípios, teorias, metodologia e técnicas) se ocupa do estudo dos conjuntos documentais orgânicos, seja em seu aspecto unitário (fundo) seja em seu aspecto decomposto (documentos e informações arquivísticas) e de sua organização intelectual e física, desde o planejamento para a sua formação até sua preservação definitiva ou descarte (SANTOS, 2011:112)

Fonte: elaboração e grifo dos autores

Constatam-se as divergências entre os autores sobre o *status* científico da Arquivística, perspectivas que entendem essa como ciência emergente, disciplina, ciência da informação social, ciência e técnica e campo científico. Os conceitos refletem o entendimento de cada autor, o qual está relacionado ao seu contexto, inclusive ao que cada um compreende como ciência, disciplina e técnica.

Em seu estudo sobre os fundamentos epistemológicos da Arquivística, Santos (2011), demonstra as divergências quanto ao *status* científico da Arquivística, mas defende essa como um campo científico e ainda afirma que a mesma já está instituída como uma disciplina.

Destacam-se, também, as considerações de Lopes (2000:115): a Arquivística Integrada busca o *status* de disciplina autônoma, levando ao desenvolvimento de uma Arquivística científica. Essa é a proposta da Arquivística pós-custodial, conforme defendem os autores desse paradigma.

Como pode ser observado no quadro 3, os conceitos fazem referência ao arquivo como objeto de estudo da Arquivística. Portando, deve ser mencionado ainda o que os autores da área entendem como arquivo. No quadro 4, são apresentados algumas das definições desse conceito.

Quadro 4 - Conceito de Arquivo

Ano	Autor/Fonte	Conceito de Arquivo
1973	S. Muller, J. A. Feith e R. Fruin	Arquivo é o conjunto de documentos escritos, desenhos, material impresso, recebidos ou produzidos oficialmente por determinado órgão administrativo ou por um de seus funcionários, na medida em que tais documentos se destinavam a permanecer na custódia de seu órgão ou funcionário (MULLER, FEITH e FRUIN, 1973:13).
1974	Schellenberg	Os documentos de qualquer instituição pública ou privada que hajam sido considerados de valor, merecendo preservação permanente para fins de referência e de pesquisa e que hajam sido depositados ou selecionados para depósito, num arquivo de custódia permanente (SCHELLENBERG,

		1974, p. 19).
1991	Lei 8.159, de 8 de janeiro de 1991	Conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas , em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o suporte da informação ou a natureza dos documentos (capítulo 1, art. 2º).
1993	Lodolini	O arquivo, em fim, nasce espontaneamente, como sedimentação documental de uma atividade prática, administrativa, jurídica. Por isso está constituído por um conjunto de documentos , unidos entre si reciprocamente por um vínculo original, necessário e determinado, por cada documento condicionado aos demais e esses pelos demais condicionados. Se afirma que o arquivo é a projeção, objetivada nos testemunhos escritos da função reservada ao direito e a regulação da convivência humana (LODOLINI, 1993:24-25, tradução nossa).
1999	Silva <i>et al.</i>	Arquivo é um sistema (semi-)fechado de informação social materializada em qualquer tipo de suporte, configurado por dois fatores essenciais – a natureza orgânica (estrutura) e a natureza funcional (serviço/uso) – a que se associa um terceiro – a memória – imbricado nos anteriores (SILVA <i>et al.</i> 1999:214).
2000	Lopes	1 – Acervos compostos por informações orgânicas originais, contidas em documentos registrados em suporte convencional ou em suportes que permitam a gravação eletrônica, mensurável pela sua ordem binária (<i>bits</i>); 2 – Produzidos ou recebidos por pessoa física ou jurídica, decorrentes do desenvolvimento de suas atividades, sejam elas de caráter administrativo, técnico, artístico ou científico, independentemente de suas idades e valores intrínsecos (LOPES, 2000:33).
2005	Bellotto	Arquivos são conjuntos de documentos produzidos/ /recebidos/acumulados por um órgão público, uma organização privada ou uma pessoa, no curso de suas atividades, não importa seu suporte e que passada sua utilização vinculada as razões pelas quais foram criados, podem ser preservados, por seu valor informativo, para fins de investigação científica e testemunho sociocultural. (BELLOTTO, 2005:16, tradução nossa).
2005	Dicionário Brasileiro de Terminologia	1 - Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família , no desempenho de suas atividades, independentemente da natureza do suporte. 2 - Instituição ou serviço

	Arquivística	que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos. 3 – Instalações onde funcionam os arquivos. 4 – móvel destinado a guarda de documentos (DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA, 2005:27).
2007	Paes	1. Designação genérica de um conjunto de documentos produzidos e recebidos por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, caracterizado pela natureza orgânica de sua acumulação e conservado por essas pessoas ou por seus sucessores, para fins de prova e informação. De acordo com a natureza do suporte, o arquivo terá a qualificação respectiva, como, por exemplo: arquivo audiovisual, fotográfico, iconográfico, de microformas, informático. 2. O prédio ou uma de suas partes , onde são guardados os conjuntos arquivísticos. 3. Unidade administrativa cuja função é reunir, ordenar, guardar e dispor para o uso conjunto de documentos, segundo os princípios e técnicas arquivísticos. 4. Móvel destinado a guarda de documentos (PAES, 2007:24).

Fonte: elaboração e grifo dos autores

Da análise desses conceitos contata-se a diversidade de significados atribuídos ao arquivo: conjunto de documentos, instituição, sistema, informação orgânica, entre outros. Contudo, observa-se que: “[...] a definição de documento arquivístico está já há muito tempo imbrincada na definição de “arquivo”. Esta relação é tão comum que se poderia dizer que arquivo é o conjunto de documentos arquivísticos” (SANTOS, 2011:140).

Nesse contexto, deve ser mencionado também o que a literatura da área entende como documento arquivístico e informação arquivística. “Documentos arquivísticos: documentos produzidos ou recebidos por uma pessoas ou instituição durante sua gestão ou atividade para o cumprimento de suas finalidades e conservados como prova e informação” (HEREDIA HERRERA, 1991:123 *apud* SANTOS, 2011:137). Rousseau e Couture (1998) definem informação arquivística como aquela criada ou acumulada, em função do desenvolvimento das atividades de uma pessoa ou instituição.

Com relação ao conceito de arquivo como um sistema Araújo (2014) comenta que:

Como decorrência tanto do impacto das reflexões da arquivologia integrada como das tecnologias da informação e dos tipos especiais de arquivo, o arquivo passou a ser cada vez mais caracterizado como um sistema de informação, e o objeto de estudo da arquivologia, como a informação arquivística (ARAÚJO, 2014:86).

Depara-se, portando, com uma importante mudança epistemológica na área, a mudança de objeto de estudo, decorrente do paradigma pós-custodial. Schmidt (2012) realizou um estudo sobre o objeto da Arquivística, apresentando em sua tese as posições epistemológicas das abordagens na área, identificando o objeto de estudo dessas. No quadro 5, é apresentado o objeto de estudo da Arquivística e suas respectivas abordagens.

Quadro 5 - Abordagens ao objeto de estudo da Arquivística

Abordagem	Local	Período	Objeto
<i>Records e Archives, Records Management</i>	Estados Unidos da América	A partir de meados da década de 1940	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo
Sistema de séries	Austrália	A partir da década de 1960	Ainda que não assim classificado, o documento de arquivo
Arquivística integrada	Montreal – Québec/Canadá	Década de 1980	Informação orgânica
Estudos sobre tipologia documental e identificação	Espanha	Década de 1980	Arquivo enquanto conjunto de documentos de arquivo; documentos de arquivo
Diplomática arquivística ou contemporânea	Canadá inglês e Itália	Final de década de 1980	Documento de arquivo
Arquivística funcional ou pós-moderna	Canadá inglês	Final da década de 1980	Informação gerada pelos processos administrativos
<i>Records continuum</i>	Austrália	A partir de metade da década de 1990	Informação gerada pelos processos
Pós-custodial	Portugal	Final da década de 1990	Informação social

Fonte: SCHMIDT, 2012:178 e 216-223

Como pode ser observado, quanto ao objeto de estudo da Arquivística existem duas posições: uma que identifica o documento de arquivo, outra a informação. Uma divergência associada as abordagens da Arquivística. Para Jardim (1999:30) existe uma tendência em considerar o arquivo como objeto da Arquivística, um posicionamento de uma escola de pensamento conservadora, originária dos arquivos públicos europeus, já a ideia que situa a informação arquivística como objeto da Arquivística é recente, surgindo nas escolas de Ciência da Informação nos Estados Unidos e Canadá.

4. Arquivística e sua relação com a Ciência da Informação

O surgimento do paradigma pós-custodial aponta uma nova abordagem dos estudos na área, provocando uma reflexão sobre o posicionando da Arquivística no campo da Ciência da Informação. No artigo “*Information Science: what is it?*”, Borko define essa como “a

disciplina que investiga as propriedades e o comportamento informacional, as forças que governam os fluxos de informação, e os significados do processamento da informação, visando à acessibilidade e a usabilidade ótima” (BORKO, 1968:1).

No mesmo artigo, Borko (1968:2) afirma que a Ciência da Informação é interdisciplinar e relaciona-se com áreas, tais como: matemática, lingüística, ciência da computação, biblioteconomia, administração, e outros campos. Com relação a sua relação com a Arquivística, Fonseca (2005:9-10) menciona o predomínio de uma mútua omissão, uma vez que ambas as áreas não consideram-se afins, embora pareça óbvia essa relação se considerada a informação como seu objeto de estudo. A autora ainda apresenta a perspectiva de alguns autores da Arquivística. No quadro 6, são apresentadas algumas posições epistemológicas que não consideram haver uma relação entre a Ciência da Informação e a Arquivística, conforme autora supracitada.

Quadro 6 - Autores e suas posições epistemológicas, considerando que a Arquivística não se relaciona com a Ciência da Informação

Ano	Autor	Abordagem
1993	Heredia	“Importa muito que não percamos de vista a tríplice dimensão do objeto da Arquivologia e sua ordem: arquivos – documentos de arquivo – informação” (HEREDIA <i>apud</i> FONSECA, 2005:10).
1994	Esposel	“[...], a arquivologia é uma disciplina auxiliar da administração e da história, que se refere a criação histórica, organização e função dos arquivos e seus fundamentos legais ou jurídicos” (ESPOSEL <i>apud</i> FONSECA, 2005:10).
2001	Delmas	Arquivologia “é a ciência que estuda os princípios e os procedimentos metodológico empregados na conservação dos documentos de arquivo, permitindo assegurar a preservação dos direitos, dos interesses, do saber e da memória das pessoas físicas e morais” (DELMAS <i>apud</i> FONSECA, 2005:10).

Fonte: FONSECA, 2005:10

No quadro observa-se o posicionamento de autores da área da Arquivística. Deve ser mencionado que alguns autores da Ciência da Informação também defendem a mesma posição, como Pinheiro (1998):

Três áreas surgem como mais fortes nas suas relações de interdisciplinaridade com a Ciência da Informação: Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Excetuando a primeira, com a qual a interdisciplinaridade é reconhecida pela quase totalidade dos estudiosos, as outras duas têm sua presença acentuada provavelmente por um equívoco entre interdisciplinaridade e aplicações [...] (PINHEIRO, 1998:155).

Por outro lado, há autores que não compartilham desse posicionamento, pelo contrário entendem que ambas se relacionam. Ainda, é interessante destacar que o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) considera a Arquivologia como uma área de conhecimento da Ciência da Informação, essas pertencentes as ciências

sociais e aplicadas. No quadro 7, são apresentados alguns autores e suas abordagens considerando que existe uma relação entre a Ciência da Informação e a Arquivística.

Quadro 7 - Autores e suas posições epistemológicas, considerando a Arquivística uma área no campo da Ciência da Informação

Ano	Autor	Abordagem
1999	Silva <i>et al.</i>	[...] invocando a era da informação, se afastam dos princípios estruturantes da disciplina e vêem a Arquivística como um corpo de doutrinação empírica (ou um somatório de técnicas), cujo único objetivo é responder pragmaticamente as solicitações informativas da sociedade; finalmente, ainda, surgem os defensores de uma nova corrente que encontra na informação arquivística uma individualidade própria, articulada com um modelo teórico preciso – é a defesa da Arquivística como <i>Ciência da Informação</i> (SILVA <i>et al.</i> , 1998:156).
2000	Lopes	Os conceitos de dados, informação e documento são um pouco mais especializados. Atualmente, estes conceitos são uma das bases dos estudos cognitivistas e de comunicação, administração, lingüística, informática, biblioteconomia, museografia e arquivística. Estas disciplinas são parte integrante, no sentido largo desta concepção, de um conjunto que, apesar de diversas interpretações, chama-se de ciências da informação, porque trata-se de disciplinas interligadas por um objeto de estudo comum: a informação (LOPES, 2000:77).
2005	Fonseca	A ciência da informação constituída por varias ciências da informação, como por exemplo a arquivística, a biblioteconomia, o jornalismo e a comunicação, as quais tem como objeto de pesquisa imediato a transferência da informação (FONSECA, 2005:27).
2012	Rabello	Podem-se mencionar, como exemplos, as explicações que aproximam a CI das teorias e práticas da Biblioteconomia, da Arquivística, da Museologia, da Documentação, da Ciência da Computação, da Ciência Cognitiva, da Comunicação, dentre outras (RABELLO, 2012:8-9).
2013	Silva	CI (estuda desde os campos específicos da informação aplicados, as bibliotecas, arquivos e museus, assim como estudos do fluxo da informação, estudos das conseqüências sociais das tecnologias da informação e estudos sobre a produção de conhecimento) [...] Ademais, podemos afirmar que a marca interdisciplinar entre CI e Biblioteconomia (com extensividade a Arquivologia e Museologia) é a interdisciplinaridade unificadora, uma das modalidades propostas por Heckhausen. Conforme o próprio Heckhausen (1972) a interdisciplinaridade unificadora procede de uma coerência estreita dos domínios do estudo das disciplinas que resulta de uma aproximação dos níveis de integração teórica e dos

		métodos correspondentes (SILVA, 2002:78).
2014	Araújo	[...] consideração da arquivologia, da biblioteconomia, da museologia e da ciência da informação como ciências humanas e sociais. Relacionadas, portando, com a singularidade dos fenômenos, seu caráter contingencial, histórico e contextual, com a complexidade dos processos e com a valorização da diversidade e da pluralidade (ARAÚJO, 2014:167).

Fonte: elaboração dos autores

Observam-se no quadro as perspectivas de autores da Arquivística tais como: Silva, Lopes e Fonseca, bem como autores da Ciência da informação: Rabello, Silva e Araújo. Os mesmos compartilham da idéia de que a informação é o elo de relação entre a Arquivística e a Ciência da Informação.

“As relações interdisciplinares com a ciência da informação se mostram mais fortes no cenário brasileiro do que no plano internacional. A associação com a ciência da informação parece ser uma característica da evolução da área arquivística no Brasil” (FONSECA, 2005:101). A autora complementa ao mencionar que dados da sua pesquisa identificaram que os programas de pós-graduação em Ciência da Informação têm acolhido temáticas arquivísticas, mas o mesmo não é observado nos programas de pós-graduação em história, uma área entendida como relacionada a Arquivística.

Neste sentido, Araújo (2014:152-153) afirma que existe uma proximidade entre a Ciência da Informação e a Arquivística evidenciada em eventos, modelos formativos, produção científica; também existe no Brasil uma aproximação entre os cursos de graduação de Arquivologia e as escolas ou faculdades de Ciência da Informação.

Por fim, destaca-se que a Ciência da Informação se constitui diferentemente do modelo custodial, institucional e técnico seguido pela Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, durante o fim do século XIX e início do século XX. Entretanto o desenvolvimento dessas áreas, as suas perspectivas contemporâneas, direcionam para uma possibilidade de relacionamento, uma vez que essas possuem mais que do que a dimensão informacional em comum, mas também uma dimensão comunicativa, administrativa e educativa. No cenário brasileiro as possibilidades ampliam-se, haja vista as áreas compartilharem do mesmo espaço em escolas e faculdades de Ciência da Informação (ARAÚJO, 2014:160-161).

5. Considerações finais

O presente artigo apresentou uma breve abordagem do paradigma pós-custodial na Arquivística, evidenciando as divergências dele decorrentes, as quais indicam uma mudança de objeto de estudo, bem como a introdução da Arquivística no campo da Ciência da Informação. As posições epistemológicas diferentes precisam ser explicitadas, pois a partir do debate e reflexão a Arquivística desenvolve-se. Com o desenvolvimento do seu campo científico surgem novos desdobramentos, tão necessários, tendo em vista o novo cenário constituído pela tecnologia.

Observa-se que a Arquivística, inicialmente, desenvolveu-se em virtude de problemas relativos a um contexto local/regional. Atualmente pode-se afirmar que seus desafios, problemas são de âmbito global, haja vista o documento eletrônico estar presente em todo mundo. Preocupações quanto a sua recuperação, preservação, autenticidade entre outras são recorrentes entre os arquivistas, e as tendências contemporâneas que surgiram convergem para solução dessas problemáticas.

A partir do diálogo entre Ciência da Informação e a Arquivologia considera-se possível resolver problemas informacionais específicos, conforme sugere Saracevic (1996): uma Ciência da Informação voltada para a solução de problemas informacionais, um campo voltado a pesquisa científica e à prática profissional. Além disso, essa interação pode viabilizar o desenvolvimento do conhecimento científico produzido em conjunto.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila

2014 *Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível*. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS HOLANDESES

1973 *Manual de arranjo e descrição de arquivos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1973.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli

2005 *Arquivística, arquivos y documentos*. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo, 2005.

BORKO, Harold

1968 Information Science: what is it? [Em linha]. *American Documentation*. 19:1 (Jan. 1968) 3-5. [Consult. 28 mar. 2015]. Disponível em:
http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/164799/mod_resource/content/1/BO_RKO_Information%20science%20what%20is%20it%20.pdf.

BRASIL. Arquivo Nacional

2005 *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BRASIL. Leis, decretos, etc.

1991 Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Seção I*. Brasília. 129:6 (9 jan. 1991) 455-456.
Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências.

CRUZ MUNDET, José Ramón

2011 Principios, términos y conceptos fundamentales. In *Administración de documentos y archivos: textos fundamentales*. Madrid: Coordinadora de Asociaciones de Archiveros, 2011, p. 15-36.

FONSECA, Maria Odila

2005 *Arquivologia e Ciência da Informação*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

JARDIM, José Maria

1999 *Transparência e Opacidade do Estado no Brasil*. Niterói: EdUFF, 1999.

KUHN, Thomas S.

1998 *A Estrutura das revoluções científicas*. 5ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

LODOLINI, Elio

1993 *Arquivística: princípios e problemas*. Madrid: Editorial La Muralla, 1993.

LOPES, Luis Carlos

2000 *A Nova Arquivística na modernização administrativa*. Rio de Janeiro: Papéis e Sistemas Assessoria, 2000.

PAES, Marilena Leite

2007 *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro

1998 Campo interdisciplinar da Ciência da Informação: fronteiras remotas e recentes. *Investigación Bibliotecológica*. México. 12:25 (1998) 132-163.

RABELLO, Rodrigo

2012 A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte. 17:1 (jan./mar. 2012) 2-36.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol

1998 *Fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

SANTOS, Vanderlei B.

2011 *A Teoria arquivística a partir de 1898: em busca da consolidação, da reafirmação e da atualização de seus fundamentos*. Brasília, 2011.

Tese defendida no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

SARACEVIC, Tefko

1996 Ciência da Informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*. Belo Horizonte. 1: 1 (jan./jun. 1996) 41-62.

SCHELLENBERG, Theodore R.

1974 *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. 2ª tir. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

SCHMIDT, Clarissa M.S.

2012 *Arquivologia e a construção do seu objeto científico: concepções, trajetórias, contextualizações*. São Paulo, 2012.

Tese defendida no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho

2013 Das concepções disciplinares na Ciência da Informação e/ou de suas configurações epistemológicas: o desiderato percebido da interdisciplinaridade. *Investigación Bibliotecológica*. México. 27:59 (abr. 2013) 67-92.

SILVA, Armando Malheiro da

2006 *A Informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico*. Porto: Edições Afrontamento; CETAC.com, 2006.

SILVA, Armando Malheiro da [et al.]

1999 *Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação*. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

TOGNOLI, Natália B.

2010 *A Construção epistemológica canadense para a construção da arquivística contemporânea*. Marília, 2010.

Dissertação defendida no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Ana Paula Alves Soares | ana.paula.soares@ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina (UFCS), Brasil

Adilson Luiz Pinto | adilson.pinto@ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina (UFCS), Brasil

Armando Malheiro da Silva | malheiro@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto